



Fotografias do serviço cultural hindu em Fátima, em 5 de Maio de 2004. No seu comunicado de 29 de Junho, o Reitor Guerra diz que "não se realizou nenhum rito, no altar ou fora dele". Estas palavras contrastam nitidamente com a notícia da SIC, que mostra claramente o "sacerdote" hindu a cantar junto ao altar católico.

O Reitor do Santuário tenta justificar o serviço cultural hindu em Fátima

por John Vennari

(Inclui "[Cinco respostas rápidas ao Reitor Guerra](#)" de outros cinco autores)

Em 5 de Maio de 2004, um grupo de Hindus fez uma peregrinação a Fátima. Passaram a manhã no seu templo de Lisboa, a adorar os seus falsos deuses, e depois meteram-se num autocarro e foram para o Santuário.

À sua chegada, Monsenhor Guerra, Reitor do Santuário, cedeu-lhes a Capelinha para um serviço de orações. O "sacerdote" hindu fez uma oração pública num altar católico.

Isto é um sacrilégio, embora milhares de Católicos, lobotomizados espiritualmente pelo "espírito do Vaticano II", hoje não consigam entendê-lo. Quarenta anos de confusão pós-conciliar toldou-lhes a visão. Não compreendem que um *leigo católico* não tem lugar a rezar junto a um altar católico, quanto mais um "sacerdote" pagão que adora um panteão de falsos deuses.

O acontecimento foi transmitido no mesmo dia no canal de televisão da SIC, uma estação portuguesa de alcance nacional. *Catholic Family News*, com a ajuda de *The Fatima Crusader*, obteve uma gravação em vídeo do programa.

Para garantir exactidão, encarregámos dois tradutores independentes de passar o texto português do programa para inglês. Um deles é português de nascimento e fluente em inglês; o outro é

americano, fluente em português. A tradução do texto que apresentámos estava correcta, com a excepção de um termo usado pelo Reitor Guerra que, como um teólogo veio depois a informar-nos, fora traduzido com demasiada brandura. Parece que a declaração do Reitor Guerra na transmissão da SIC era ainda pior do que dissemos primeiro.¹

Em 29 de Junho de 2004, oito semanas depois da ocorrência de 5 de Maio, o Santuário divulgou uma tentativa de justificação da cerimónia hindu. Publicamos aqui integralmente a declaração do Reitor, seguida do nosso comentário.

A Igreja da Santíssima Trindade não será um “templo ecuménico”

- 1) Os leitores da *Voz da Fátima* recordarão um comunicado do Reitor do Santuário, publicado em Janeiro de 2004, intitulado “SANTUÁRIO DE FÁTIMA A TODAS AS RELIGIÕES?”.
- 2) Os movimentos que exprimiram a sua oposição ao nosso Congresso de Outubro, mencionado nesse comunicado, aproveitaram-se depois da chegada de um grupo de Hindus, noticiado na *Voz da Fátima* de Maio de 2004, para lançar uma nova e forte campanha que é de carácter anti-ecuménico e até oposta ao diálogo inter-religioso.
- 3) Devido às cartas que nos foram enviadas, pedindo explicações, e para responder rapidamente a todos, resolvemos escrever este breve comunicado. Em primeiro lugar, apresenta de novo os princípios bem conhecidos, que já foram apresentados, sobre como receber irmãos de outras confissões ou religiões; em segundo lugar, responde a duas perguntas que estão perante nós: a chegada de um grupo de Hindus e o destino da nova Igreja da Santíssima Trindade.
- 4) O grupo de Hindus escreveu-nos antecipadamente, dizendo que gostariam de “reconstituir a visita feita pelo Sr. Morari Bapur, e que tinha precedido a de Sua Santidade o Papa João Paulo II”, em Maio de 1982.
- 5) O sacerdote hindu e um tradutor que o acompanhava dirigiram-se à imagem de Nossa Senhora, enquanto que o resto do grupo ficou mais abaixo.
- 6) O sacerdote cantou uma oração que durou alguns minutos. Não se fez nenhum gesto, não se realizou nenhum rito, no altar ou fora dele. O tradutor explicou que tinha pedido à “Santíssima Mãe que desse sabedoria e discernimento aos governantes das nações, para que o mundo pudesse ter paz, paz, paz”.
- 7) Sublinhamos que esta intenção de paz, que é universal, é a mesma intenção que, em nossa opinião, trouxe ao Santuário outras personalidades que não são católicas, como, por exemplo, o Dalai Lama, o Presidente da República da Índia, e também as esposas do Presidente Clinton e do Presidente Arafat. Grupos de Cristãos não-católicos vêm também com a intenção de pedir pela unidade da Igreja. Embora não com grande frequência, alguns altos representantes das Igrejas Ortodoxas têm sido recebidos no Santuário. Recentemente, uns dez sacerdotes anglicanos, acompanhados pelo seu Bispo, fizeram um retiro espiritual numa das casas do Santuário.
- 8) Depois de dizerem a sua oração na Capelinha das Aparições, os peregrinos hindus foram recebidos numa sala pelo Bispo de Leiria-Fátima e pelo Reitor do Santuário, a quem disseram que tinham vindo por devoção para com a “Santíssima Mãe”. Não falaram de uma semelhança ou transferência entre este nome e qualquer entidade da sua religião. Portanto, não se deve dar grande crédito às comparações mencionadas nos

meios de comunicação, que nós não pudemos preparar, porque já era tarde quando soubemos da sua presença.

- 9) Quanto à Igreja da Santíssima Trindade, que insistem em chamar “templo ecuménico”, podemos declarar que esta descrição, embora susceptível de uma interpretação católica, não provém do Santuário. Não tencionamos — e nunca tencionámos — fazer quaisquer celebrações, na igreja que está em construção, que não estejam de acordo com as directrizes prescritas pela Igreja Católica. O Santuário faz por ser fiel à mensagem que Deus lhe confiou, e não pode deixar de notar o carácter distintamente católico inculcado pela mensagem, tanto nas aparições do Anjo, que nos inspiraram a escolher o nome da futura igreja, como nas aparições de Nossa Senhora, que contêm referências dramáticas ao papel mediador do Papa e dos Bispos, em relação à unidade da Igreja e à paz do mundo.
- 10) Esperando que todos os irmãos compreendam que desejamos e oramos pela união que é possível entre todos os Cristãos, todos os crentes e todos os homens, erguemos também as nossas orações a Nossa Senhora de Fátima, para que Ela reforce a nossa vontade de unidade e nos livre de todo o espírito de dissensão e de controvérsia.

Santuário de Fátima, 29 de Junho de 2004, Solenidade de S. Pedro e S. Paulo,
O Reitor, Pe. Luciano Guerra.

Comentário ao comunicado de 29 de Junho

A primeira coisa a apontar é que o Reitor do Santuário, Monsenhor Guerra, não acha mal que um “sacerdote” pagão faça uma oração pública num altar católico. Vejamos em pormenor a sua declaração.

Os Parágrafos 1 e 2 do comunicado referem-se aos Católicos que protestam contra a nova orientação ecuménica e inter-religiosa em Fátima, como se fosse censurável um Católico protestar contra uma orientação que seria condenada por todos os Papas durante os 1.958 anos antes do *aggiornamento*.

Convenientemente, o Reitor Guerra omite qualquer menção pormenorizada do que realmente aconteceu no Congresso inter-religioso em Fátima em Outubro de 2003. Foi este Congresso escandaloso que motivou os protestos dos Católicos preocupados de todo o mundo.

O Congresso inter-religioso foi organizado pelo Santuário de Fátima sob a direcção do Reitor Guerra, que esteve presente no Congresso e aplaudiu as declarações heréticas dos oradores. Estive em Fátima nos três dias do Congresso, sentei-me ao lado de Monsenhor Guerra, gravei em cassette áudio as alocações, e descrevi o que aconteceu no meu relatório de Dezembro de 2003, “[Fátima irá tornar-se num Santuário interconfessional? Um relato de alguém que esteve lá](#)”.²

O Congresso chamava-se “O presente do Homem, o futuro de Deus: O lugar do Santuário em relação ao Sagrado”.³

Os dois primeiros dias do Congresso incluíam oradores “católicos” que apoiavam o programa inter-religioso. No terceiro dia — um Domingo — representantes do Catolicismo, dos Ortodoxos cismáticos, do Anglicanismo, do Hinduísmo, do Islão e do Budismo testemunharam a importância do “santuário” nas suas religiões, colocando assim os santuários pagãos do Hinduísmo e do Budismo ao mesmo nível dos Santuários católicos, dedicados ao único Deus verdadeiro.

No Congresso:

- O teólogo ecuménico Padre Jacques Dupuis chamou “texto horrível”, que devia ser rejeitado, ao dogma definido de que “fora da Igreja não há salvação”. Disse ele: “Não é preciso invocar aqui esse texto horrível do Concílio de Florença”;
- Dupuis afirmou que todas as religiões são queridas positivamente por Deus, e que os não-Católicos não precisavam de se converter à única Igreja verdadeira, a Igreja Católica, para obter a unidade e a salvação. Mais disse que os Católicos e os não-Católicos são membros iguais do “Reinado de Deus”. Isto contradiz o ensinamento católico de sempre, em como só a Igreja Católica é o Reino de Deus na terra.⁴ (Dupuis, para estar na moda, falou do “Reinado de Deus” em vez de “Reino de Deus”, talvez para não usar termos que ofendessem as sensibilidades feministas, apesar do facto de que Nosso Senhor usou claramente a palavra “Reino”.) O Reino de Deus não é, como Dupuis pretende, uma grande cooperativa interconfessional, em que a verdadeira religião, revelada por Deus, é colocada no mesmo plano que as falsas religiões, inventadas pelos homens;
- Dupuis disse também que a finalidade do diálogo ecuménico não é converter os não-Católicos à Igreja Católica, mas fazer “de um Cristão um melhor Cristão, de um Hindu um melhor Hindu”. Isto cheira a indiferentismo religioso. E disse aos participantes não-católicos do Congresso a falsidade de que não precisavam de se converter à única Igreja verdadeira de Cristo para obterem a unidade e a salvação;
- Dupuis disse mais que o Espírito Santo estava presente e actuava nos “livros sagrados” e “ritos sagrados” do Budismo e do Hinduísmo. Isto coloca a superstição de honens idólatras ao mesmo nível dos livros sagrados da Bíblia, revelados por Deus. Desafia também S. Francisco Xavier, que, baseando-se no Salmo 95:5,⁵ disse dos Hindus e dos seus ritos: “Todas as invocações dos pagãos são odiosas a Deus, porque todos os seus deuses são demónios”;⁶
- Outro orador do Congresso falou do Santuário de Nossa Senhora de Fátima, da Meca do Islão e do Templo xintoísta de Kyoto como semelhantes, colocando-os assim ao mesmo nível;
- O Padre Arul Irudayam, Reitor do Santuário mariano de Vailankanni, Índia, disse no Domingo aos presentes que os Hindus já fazem os seus rituais pagãos dentro do Santuário católico de Vailankanni.

As declarações do Padre Irudayam, assim como as divagações heterodoxas de Jacques Dupuis e de outros, só receberam louvores da audiência. Entre os que aplaudiram contava-se o Reitor do Santuário, Monsenhor Guerra, o Bispo de Leiria-Fátima, o Delegado Apostólico de Portugal, o Cardeal Patriarca de Lisboa, D. José Policarpo, e o Arcebispo Michael Fitzgerald, do Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-religioso.

Sublinhei, no meu primeiro relato, que, se a direcção católica em Fátima está tão permeada de ideias modernistas que aplaude tais ultreajes, então era só uma questão de tempo até serem permitidos actos de culto pagãos no Santuário de Fátima. Esta predição concretizou-se em 5 de Maio de 2004.

Lado a lado com a apostasia

Já em Novembro de 2003, o *Catholic Family News*, assim como vários outros jornais católicos, protestou veementemente contra o envenenamento da religião católica que se verificou neste

Congresso. É a isto que se refere Monsenhor Guerra no seu comunicado, ao falar dos “movimentos que exprimiram a sua oposição ao nosso Congresso de Outubro”.

Mas pensemos um pouco sobre isto. O Reitor Guerra já divulgou *dois comunicados oficiais* desde o Congresso de Outubro: o primeiro em 28 de Dezembro de 2003, em que afirmava que Fátima não seria um Santuário interconfessional; o segundo em 29 de Junho de 2004, em resposta aos protestos contra o serviço cultural hindu em Fátima.

Nestes comunicados, o Reitor Guerra nunca denunciou a heresia flagrante promovida no seu Congresso de Fátima de 2003; nunca se distanciou, por pouco que fosse, das heresias do Padre Dupuis; nunca pediu desculpa por organizar um Congresso cuja mensagem era diametralmente oposta a quase 2.000 anos de verdade católica; nunca lamentou que o jornal local de Fátima comparasse os Católicos tradicionais com os “Taliban”.⁷

Em vez disso, o Reitor Guerra usou estes comunicados para *atacar* os Católicos preocupados com a nova orientação pan-religiosa e para diminuir os seus esforços. Mais depressa se coloca ao lado dos modernistas que denunciam o dogma católico infalível do que ao lado dos Católicos que mantêm as mesmas crenças católicas do Papa Leão XII, do Papa Gregório XVI, do Beato Papa Pio IX, do Papa Leão XIII, do Papa S. Pio X, do Papa Pio XI e do Papa Pio XII.

Em resumo, o Reitor Guerra promove a heresia e o escândalo, e depois apresenta-se ao mundo como vítima da perseguição quando os Católicos protestam. Insinua que os Católicos fiéis que se opõem a ele são culpados de algum tipo de comportamento criminoso. Estes Católicos, queixa-se Guerra, “*aproveitaram-se* da chegada de um grupo de Hindus” para protestar contra o facto de o Reitor do Santuário deixar que os pagãos rezassem ali, num altar católico. Mesmo assim, acha ele que não fez nada de mal.

Sempre sem culpa. Sempre inocente. É o fado de se ser modernista e ao mesmo tempo Reitor do Santuário.

Tudo depende da definição que se der a “Rito”

Os Parágrafos 3 a 10 do Comunicado concentram-se no acontecimento hindu.

Deve dizer-se, desde o início, porque o *Catholic Family News (CFN)* é por vezes mal entendido neste ponto, que um Hindu — ou qualquer não-Católico — que quiser visitar Fátima está à vontade para o fazer. Não há nada de errado se pessoas ou grupos não-católicos visitarem um Santuário católico para rezar sossegadamente e ver o que lá se passa. Foi assim que já se fizeram muitas conversões. Mas é uma coisa muito diferente entregar um Santuário católico a pagãos para uma oração pública; e foi isto que aconteceu em 5 de Maio.

Disse o Reitor Guerra que “O sacerdote hindu e um tradutor que o acompanhava dirigiram-se à imagem de Nossa Senhora, enquanto que o resto do grupo ficou mais abaixo.” Isto não foi bem assim. Como se pode ver claramente na transmissão da SIC, três jovens hindus também avançaram para a capela-mor, para depor flores na imagem de Nossa Senhora.⁸

Guerra continuou: “O sacerdote cantou uma oração que durou alguns minutos. Não se fez nenhum gesto, não se realizou nenhum rito, no altar ou fora dele.”

Ora um momento. *Um “sacerdote” pagão rezou num altar católico*, como se vê na transmissão da SIC e nas imagens retiradas dela. ([Ver o início deste artigo.](#)) *Foi uma oração cantada em voz alta por um “sacerdote” pagão, perante uma congregação de Hindus.* Que história é esta, a dizer que “não se fez nenhum gesto”? O Reitor Guerra está apenas a brincar com as palavras, a tentar

desculpar este sacrilégio, porque, diz ele, não teve os gestos exactos de um “rito” hindu. Talvez ele também deixasse que os Aztecas pagãos rezassem no altar católico, desde que evitassem fazer sacrifícios humanos.

Ainda por cima, a confusão verbal de Guerra sobre as palavras “rito” e “gesto” é fraca, porque os Hindus consideram uma simples oração e uma oferenda de flores como *puja*, que é um ritual hindu. Não precisam de colocar um ídolo no altar para fazerem o culto idolátrico. Pela sua própria natureza, o culto hindu é idolátrico.

O facto é que um “sacerdote” hindu rezou num altar em Fátima. Um pagão — que passara a manhã no seu templo a adortar os seus falsos deuses — rezou num altar consagrado exclusivamente à repetição incruenta da Paixão de Cristo pelas mãos consagradas do padre, ordenado sacramentalmente como um *alter Christus*. Foi uma cerimónia pública. Foi um abuso de um objecto sagrado. Foi um sacrilégio. Uma oração pela paz não justifica um sacrilégio.

Não dizemos mais do que: dêem uma oportunidade à paz?

Guerra diz a seguir: “O tradutor explicou que [o ‘sacerdote’ hindu] tinha pedido à ‘Santíssima Mãe’ que desse sabedoria e discernimento aos governantes das nações, para que o mundo pudesse ter paz, paz, paz.”

Mas para que serve uma oração pela paz feita de maneira sacrílega, que foi o que aconteceu com os Hindus em Fátima? Não era uma oração que atraísse a bênção de Deus. Pelo contrário, invocaria a Sua cólera. Nossa Senhora de Fátima disse que “a guerra é castigo do pecado”. E nós sabemos, pela nossa doutrina católica, que os pecados contra a Fé são os mais graves de todos os pecados.

De facto, o Cardeal Mercier, da Bélgica, explicou que a I Guerra Mundial era um castigo por os Governos do mundo terem colocado a única Igreja verdadeira ao mesmo nível das religiões falsas. É ainda muito pior quando isto é feito por autoridades católicas, como acontece com a nova orientação ecuménica que está a ser promovida em Fátima.

Na sua carta pastoral de 1918, o Cardeal Mercier disse:

“Em nome do Evangelho, e à luz das Encíclicas dos quatro últimos Papas: Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII e Pio X, não hesito em afirmar que esta indiferença quanto à religião, que põe ao mesmo nível a religião de origem divina e as religiões inventadas pelos homens, para as incluir no mesmo cepticismo, **é a blasfêmia que atrai sobre a sociedade o castigo, muito mais do que os pecados dos indivíduos e das famílias.**”⁹

É uma ironia suprema que Deus pode vir a castigar o mundo com a guerra porque os dirigentes católicos estão a encorajar os pagãos a fazer actividades sacrílegas em Santuários católicos, e tudo isto em nome da paz. Estes guias espiritualmente cegos estão desesperadamente a precisar de dogmas que lhes abram os olhos!

E quem é esta “Santíssima Mãe” de que fala o comunicado de Guerra? A expressão é ambígua e aparece sempre entre aspas. É claro que os Hindus nunca rezaram a Maria, Mãe de Jesus; se o fizessem, o Reitor Guerra não deixaria de o dizer.

O uso que Guerra faz da expressão “Santíssima Mãe” é um exemplo da linguagem ecuménica, deliberadamente imprecisa, contra a qual já há décadas nos avisou o teólogo dominicano Padre David Greenstock. Num magnífico artigo, publicado em *The Thomist* em 1963, que alertava contra os perigos da nova abordagem ecuménica, o Padre Greenstock citou um Protestante, o Dr. Visser ’t Hooft, que admitiu que “o simples ABC do ecumenismo” é que “não há linguagem ecuménica que

não seja completamente ambígua.”¹⁰ Assim, avisou o Padre Greenstock, os teólogos e os professores devem sempre apresentar uma “definição clara dos termos”. Ora Guerra fez o contrário. Voltaremos mais adiante à ambiguidade da “Santíssima Mãe” da Guerra.

O Parágrafo 7 do comunicado de Guerra afirma que membros de várias religiões vieram a Fátima em nome da paz, incluindo o Dalai Lama, Suha Arafat, e Hillary Clinton, que é a favor dos homossexuais e do aborto.

Mas este sortido de não-Católicos não demonstra coisa nenhuma. Não sei se Hillary Clinton fez alguma espécie de cerimónia religiosa quando chegou a Fátima. E, que eu saiba, o Dalai Lama não realizou nenhum serviço público de orações durante a sua visita; embora esteja errado uma autoridade católica dar muita importância a este homem, que se considera uma reencarnação do seu antecessor, o 13º Dalai Lama, e portanto uma encarnação de *Avalokitesvara*, o Buda da Compaixão.¹¹

A ladainha de visitantes não-católicos, apresentada por Guerra, nem sequer vem a propósito. O facto é que nenhum visitante não-católico pode usar um altar católico para um acto de culto, seja ele qual for. Este é o ensinamento e a disciplina da Igreja através dos séculos.

Mas até podemos dar mais um passo em frente. Se o Reitor Guerra gosta tanto de abrir a Capelinha de Fátima a quem quiser rezar pela paz, então não deve ter problemas em deixar o Padre Nicholas Gruner celebrar uma Missa Tridentina, em latim, no altar da Capelinha. Também não teria problemas em entregar a Capelinha ao Padre Franz Schmidberger, da Sociedade de S. Pio X, para uma Missa latina pela paz.¹² Se uma oração pela paz é considerada uma desculpa válida para uns pagãos se apoderarem de um altar em Fátima, por que não autorizar Missas pela paz, celebradas por padres católicos fiéis aos ensinamentos perenes da Igreja, fiéis ao modo como a Igreja sempre prestou culto, fiéis à Mensagem de Fátima na sua integridade?

Penso que sabemos qual é a resposta.

O Reitor Guerra nunca consentiria que estes bons sacerdotes celebrassem a Missa Tridentina em Fátima, nem os deixaria ajoelhar-se na capela-mor para rezar o Rosário pela intenção da paz. Antes preferia ver os pagãos no altar. Esta atitude é semelhante à do Bispo de Fátima, que se recusa a permitir a Missa Tridentina na sua diocese, mas que acolhe serviços religiosos dos Hindus no Santuário de Fátima. Aqui está a “Nova Primavera” do Vaticano II.

“Que nós não pudemos preparar ...”

No Parágrafo 8, o Reitor Guerra diz que os peregrinos hindus foram recebidos numa sala do Santuário pelo Reitor e pelo Bispo de Fátima. Guerra não menciona que tanto ele como o Bispo deixaram que os Hindus lhes pusessem pelos ombros xales decorados com versículos do *Bhagavad Gita*, um “livro santo” dos Hindus, cuja mensagem básica é que tudo na vida é uma ilusão.

Guerra repete que os Hindus foram a Fátima por devoção à “Santíssima Mãe” — novamente, essa expressão ambígua. Guerra diz então que nesta recepção, os Hindus “não falaram de uma semelhança ou transferência entre este nome e qualquer entidade da sua religião. Portanto, não se deve dar grande crédito às comparações mencionadas nos meios de comunicação, que nós não pudemos preparar, porque já era tarde quando soubemos da sua presença.” Mas a transmissão da SIC mostrou os próprios Hindus a fazer a comparação entre Nossa Senhora e os deuses do Hinduísmo.

Recapitulando: a SIC começou por explicar que o Hinduísmo “é caracterizado por *múltiplas divindades*, adoradas através de uma tripla dimensão de vida e santidade: o deus criador, o deus conservador, e o deus que tem o poder de destruir.”

Seguiu-se uma jovem que apareceu no écran com estátuas de deuses ao fundo, que disse: “Este é o deus Shiva e a sua esposa Parvati. No centro podemos ver o deus Rama, à nossa direita a sua esposa Sita, e à nossa esquerda o seu irmão e companheiro Lakshmana. Agora podemos ver Krishna Bhagwan e a sua consorte Radha. As divindades são sempre acompanhadas pelas respectivas consortes ou esposas. Geralmente, quando nos dirigimos às divindades ou queremos pedir os seus favores, dirigimo-nos à divindade feminina, que é muito importante para nós.”

Dentro deste contexto, outra jovem hindu, entrevistada pela SIC, disse:

“Como Hindu, que acredita que todo o mundo, ou antes, todos os seres humanos, são membros de uma família global, seria natural para mim ver qualquer manifestação de Deus, incluindo Nossa Senhora de Fátima, como manifestação do mesmo Deus.”¹³



"A 'Santa Mãe' no Hinduísmo neo-Vedântico é Kali, 'A Mãe Kali' depois de Ramakrishna (1836-1886) ter popularizado no Século XIX esta noção, que foi depois espalhada pelo seu discípulo Swami Vivekananda. (Antes disso, Kali era temível, rodeada por chacais uivantes num campo de cremação.) O ídolo negro de Kali tem sangue a gotejar da língua, cadáveres de crianças como brincos, e um cinto de cabeças decapitadas à volta da cintura. Kali dança sobre o cadáver de Shiva o Destruidor.

Ocasionalmente, Kali aparece na forma de Ramani a Prostituta. Eis a religião 'pacífica' e 'pura' que é o Hinduísmo. Esta é que é a 'Divina Mãe' para os Hindus, que consideram todas as 'manifestações da Divina Mãe,' quer sejam Kali, Ramani ou (como eles diriam) a Santíssima Virgem Maria como sendo a mesma entidade; e portanto esta 'honra' prestada a Maria em Fátima por estes Hindus é simplesmente uma blasfêmia."

— Craig Heimbichner

Da mesma maneira, o repórter da SIC que acompanhou os Hindus de Lisboa a Fátima foi entrevistado em meados de Junho por um representante de *The Fatima Crusader* que se deslocou a Portugal para investigar o acontecimento em pormenor. O repórter da SIC disse que Nossa Senhora de Fátima, “significa uma coisa para os Católicos, outra coisa para os Hindus, e até para os Muçulmanos tem outra importância, não tem? Para os Muçulmanos, é filha do profeta; para os Católicos, dizemos que é a Mãe de Jesus Cristo; para os Hindus, ela é a mais importante das deusas, a Santíssima Deusa Mãe, como lhe chamam, a Santa Mãe Criadora.”

Assim, Guerra poderá dizer que os Hindus não lhe disseram especificamente que eles fazem equivaler a nossa Mãe Santíssima a um dos seus falsos deuses. Mas os Hindus falaram claramente ao repórter da SIC desta equivalência, como é evidente do que disse a jovem hindu no programa, e pelo repórter, que certamente recebeu a sua informação dos próprios Hindus.

Eis porque é que a SIC noticiou que o dia em que os Hindus foram a Fátima “era dedicado à maior de todas as divindades femininas. Ela é chamada a Santíssima Mãe, a deusa Devi, a divindade da Natureza que muitos Hindus portugueses também encontram em Fátima.”

Pois Guerra critica indirectamente a SIC por se ter referido a este facto. Fala dos meios de comunicação “que nós não pudemos preparar”. Diz que “não se deve dar grande crédito” a este aspecto da reportagem. Por outras palavras, o Reitor Guerra não teve a oportunidade de alterar a notícia. Se ele tivesse tido essa oportunidade, tenho a certeza de que Guerra teria aconselhado os meios de comunicação: “Usem a expressão ‘Santíssima Mãe’ e não digam mais nada.”

A notícia da SIC, porém, está de acordo com a maneira como os Hindus vêem esta “Santa Mãe” ou “Deusa Mãe”. No livro *An Introduction to Hinduism*, publicado pela Cambridge University Press, lê-se: “Um termo comum para a Deusa é simplesmente ‘mãe’.” O livro continua, ilustrando os vários atributos que os Hindus dão à Deusa. “Ela pode ser adorada”, diz, “como uma mãe, uma esposa, uma mulher velha ou uma rapariga jovem,” e “as suas representações principais são”:

- Durga, matador do demónio-búfalo;
- Kali, decorada com cabeças cortadas;
- consortes ou energias dos deuses, particularmente Sarasvati, Parvati e Kadmī, consortes de Brahma, Shiva e Vishnu;
- grupos de divindades femininas, geralmente ferozes, destacando-se as “sete mães”, cuja natureza é ambígua, vitimando crianças mas também destruindo demónios;
- Ícones locais ou regionais de aldeias ou santuários familiares e templos;
- formas ‘anicónicas’, como pedras, paus, armas, diagramas mágicos, etc.;
- “médiuns” masculinos e femininos possuídos por uma deusa, especialmente durante festivais.¹⁴

Vemos, assim, que é uma crença fundamental dos Hindus considerar vários seres “santos” (e antes pelo contrário) como manifestações da grande deusa, que, por sua vez, é uma manifestação de “Deus”. Observamos também que os Hindus disseram ao repórter da SIC que vêem Nossa Senhora de Fátima como uma manifestação desta deusa “Santa Mãe”. Mas o Reitor Guerra, através do seu uso calculado da expressão ambígua da “Santíssima Mãe”, quer convencer-nos de que os Hindus suspenderam de repente toda a sua crença em múltiplos deuses para venerar Nossa Senhora de Fátima da mesma maneira que os Católicos A veneram como Mãe de Jesus.

Simplesmente, o Reitor Guerra não está a dizer a verdade. Não define os seus termos. Joga com as palavras. A ainda por cima, continua a justificar a abertura do Santuário de Fátima aos Hindus para eles poderem usar a Capelinha, desafiando o Primeiro Mandamento: “Eu sou o Senhor teu Deus; não terás deuses estranhos perante Mim.”

A ambiguidade propositada de Guerra é ainda mais séria quando observamos mais cuidadosamente uma das deusas que os Hindus consideram como a “Santa Mãe”. Craig Heimlichner, perito no oculto, explica:

“A ‘Santa Mãe’ no Hinduísmo neo-Vedântico é Kali, ‘A Mãe Kali’ depois de Ramakrishna (1836-1886) ter popularizado no Século XIX esta noção, que foi depois espalhada pelo seu discípulo Swami Vivekananda. (Antes disso, Kali era temível, rodeada por chacais uivantes num campo de cremação.) O ídolo negro de Kali tem sangue a gotejar da língua, cadáveres de crianças como brincos, e um cinto de cabeças decapitadas à volta da cintura. Kali dança sobre o cadáver de Shiva o Destruidor. Ocasionalmente, Kali aparece na forma de Ramani a

Prostituta. Eis a religião ‘pacífica’ e ‘pura’ que é o Hinduísmo. Esta é que é a ‘Divina Mãe’ para os Hindus, que consideram todas as ‘manifestações da Divina Mãe,’ quer sejam Kali, Ramani ou (como eles diriam) a Santíssima Virgem Maria como sendo a mesma entidade; e portanto esta ‘honra’ prestada a Maria em Fátima por estes Hindus é simplesmente uma blasfêmia.”¹⁵

Sim, não temos um santuário interconfessional, só actividades interconfessionais *no* Santuário

O Reitor Guerra conclui o seu comunicado, dizendo que nunca chamou à nova basílica modernista, actualmente em construção em Fátima, “templo ecuménico”.

E isto depois de o Reitor Guerra nos ter dito:

- que promoveu um Congresso Inter-religioso em Fátima no passado Outubro;
- que permitiu que Hindus rezassem num altar católico em Fátima;
- que permitiu que clérigos anglicanos — membros de uma seita herética cujas ordens sacerdotais foram declaradas inválidas pelo Papa Leão XIII — para usar uma parte do Santuário para um retiro.

Tudo isto são actividades ecuménicas e inter-religiosas; portanto, não interessa se o Santuário é ou não chamado “templo ecuménico”. Já é um lugar de acção interconfessional, mesmo que não tenha esse título.

Guerra disse ainda que não tem intenção de fazer celebrações na nova igreja que não estejam de acordo com as directrizes prescritas pela Igreja Católica. Mas as chefias ecuménicas da Igreja pós-conciliar já encorajam os encontros de oração pan-religiosos em igrejas católicas — é o “espírito de Assis”. No Congresso Inter-religioso, realizado em Fátima em Outubro, o Arcebispo Fitzgerald, do próprio Vaticano, elogiou o Padre Dupuis, dizendo: “O Padre Dupuis explicou ontem a base teológica do estabelecimento de relações com pessoas de outras religiões.” Isto depois de o Padre Dupuis ter citado o Concílio de Florença como um “texto horrível” que devia ser rejeitado. Isto depois de o Padre Dupuis ter dito que a finalidade do diálogo não era converter os “outros” à Fé Católica, mas antes fazer “de um Cristão um melhor Cristão, e de um Hindu um melhor Hindu”. O ponto em questão não é o que as chefias progressistas permitem actualmente, mas antes o que está de acordo com o que a Igreja sempre acreditou e praticou.

A Verdade católica foi atraícoada



Os defensores do Reitor Guerra, incluindo o Padre Robert J. Fox, acusam falsamente o CFN de "graves deturpações" porque noticiámos os factos autênticos e verificáveis sobre o serviço religioso hindu de 5 de Maio em Fátima. A explicação que dão é fruto do seu desespero.

O ecumenismo e o diálogo inter-religioso de hoje desafiam a doutrina e a tradição católicas. Segundo esta nova orientação, a conversão é uma opção e não uma obrigação. É por isto que os clérigos anglicanos podem fazer retiros no Santuário de Fátima, porque o ecumenismo não tratará estes homens (e mulheres?) como pertencentes a uma seita herética que põe em perigo a sua salvação. Não, eles são apenas “discípulos de Cristo” que não têm a “plenitude da Fé” como os Católicos. Mesmo assim, estes não-Católicos estão a caminho do Céu, e por isso é melhor que os Católicos dialoguem com eles, para trabalharem juntos no sentido de fazerem do mundo um lugar melhor, que promovam o “diálogo, paz e relações pessoais”; que partilhem “recursos espirituais” com os não-Católicos.¹⁶ Sobretudo, que não se afastem do Primeiro Mandamento

do Ecumenismo: “Não farás proselitismo.”

Com efeito, o ecumenismo e o diálogo inter-religioso negam a verdade de que “fora da Igreja Católica não há salvação”. Ora o Concílio de Florença, desprezado pelo Padre Dupuis, ensinou infalivelmente esta verdade:

“A Santíssima Igreja Romana crê firmemente, professa e prega que nenhum dos que existem fora da Igreja Católica, não só pagãos como também judeus, heréticos e cismáticos, poderá ter parte na vida eterna; mas que irão para o fogo eterno que foi preparado para o demónio e os seus anjos, a não ser que a ela se unam antes de morrer; e que a unidade deste corpo eclesiástico é tão importante que só aqueles que se conservarem dentro desta unidade podem aproveitar-se dos sacramentos da Igreja para a sua salvação, e apenas eles podem receber uma recompensa eterna pelos seus jejuns, pelas suas esmolas, pelas suas outras obras de piedade cristã e pelos deveres de um soldado cristão. Ninguém, por mais esmolas que dê, ninguém, mesmo que derrame o seu sangue pelo Nome de Cristo, pode salvar-se, a não ser que permaneça no seio e na unidade da Igreja Católica.”¹⁷

Este ensinamento *de fide* não foi inventado no Concílio de Florença. É parte do antigo património da Igreja, ensinado consistentemente através dos séculos. De facto, a fórmula do Concílio de Florença quase repete, palavra por palavra, os escritos de S. Fulgêncio, que escreveu por volta do Século V:

“Mantende muito firmemente, e nunca duvideis, que não só os pagãos mas também todos os judeus e todos os hereges e cismáticos, que terminarem a vida presente fora da Igreja Católica, terão de ir para o fogo eterno que foi preparado para o demónio e os seus anjos.”¹⁸

Da mesma maneira, o *Catecismo do Concílio de Trento* ensina que “os infiéis, os hereges, os cismáticos e os excomungados” são “excluídos do seio da Igreja”.¹⁹

Séculos mais tarde, o *Catecismo do Papa S. Pio X* apresenta a mesma verdade imutável. Ensina que “fora da Igreja verdadeira estão: os infiéis, os judeus, os hereges, os apóstatas, os cismáticos e os excomungados”. Diz mais: “Ninguém pode salvar-se fora da Igreja Católica, Apostólica e Romana, assim como ninguém se pôde salvar do dilúvio fora da Arca de Noé, que é uma prefiguração da Igreja.”²⁰

Esta mesma doutrina foi repetida uma e outra vez através dos séculos. Foi o Beato Papa Pio IX que, ao combater os “Católicos liberais” do seu tempo, disse que propor opiniões contrárias a “fora da Igreja não há salvação” é ser um “ímpio desgraçado”.²¹

Não devemos esquecer que a alma humana precisa de graça santificante para a salvação, e esta só vem através dos sacramentos da Igreja Católica. É verdade que nos dizem que quem está verdadeiramente em ignorância invencível não é culpado de pecado formal contra a Igreja Católica; mas certamente será culpado de outros pecados que o condenarão ao inferno.²² Carol Robinson escreve: “Não estando em estado de graça, [o não-baptizado] depressa cairá inevitavelmente em pecado mortal.” E cita o Concílio de Mileve, que ensina: “O homem, no estado de natureza caída, não curado pela graça habitual, não pode permanecer por muito tempo sem pecado mortal.”²³ É por isto que a Igreja Católica é absolutamente necessária para a salvação. É por isto que Nosso Senhor nos disse, numa linguagem sem ambiguidades: “Sem Mim nada podeis fazer!”

Estes ensinamentos, portanto, não são temas em que a teologia pode “reformular-se” para dar um significado diferente do que a Igreja ensinou durante quase 2.000 anos. O Vaticano I proclamou solenemente, com todo o peso da autoridade infalível, que devemos compreender a doutrina católica “como mesmo significado e na mesma explicação” de todos os tempos.²⁴ Uma doutrina ensinada

consistentemente pelo *magisterium* ordinário e extraordinário da Igreja Católica nunca pode receber um significado diferente do que a Igreja sempre lhe deu. Nem mesmo um Papa tem poder para fazer uma tal alteração.²⁵

Este princípio sólido da imutabilidade da doutrina católica foi consagrado no Juramento Anti-Modernista, que compreende a seguinte passagem:

“Recebo sinceramente a doutrina da Fé que nos veio dos Apóstolos através dos Padres ortodoxos, com o mesmo sentido e a mesma explicação (*eodem sensu eodemque sententia*); e, por conseguinte, rejeito completamente a ficção herética de uma evolução dos dogmas, mudando de um sentido para outro, diferente do que a Igreja inicialmente teve.”²⁶

“Este erro tão deplorável”

Da mesma maneira, através dos séculos e especialmente a partir da Revolução Francesa, os Papas condenaram quaisquer actividades que colocassem a Igreja Católica no mesmo nível das religiões falsas. Esta é uma das muitas razões para as condenações papais da Maçonaria, porque coloca todas as religiões no mesmo plano. O Papa Leão XII ensinou:

“Uma certa seita, que decerto vos é conhecida, [a Maçonaria] e erradamente se arroga o nome de filosofia, agitou das cinzas as colectâneas desorganizadas de quase todos os erros. ... ensina que Deus concedeu ampla liberdade a todos os homens para aderirem a qualquer seita ou adoptarem qualquer opinião que possa agradar-lhe, segundo o seu raciocínio particular, sem qualquer perigo para a sua salvação...

“... seria realmente impossível que o Deus totalmente verdadeiro, Que é a própria Verdade Soberana, o melhor e mais sábio Dispensador e Premiador do bem, aprovasse todas as seitas que ensinam dogmas que são falsos e frequentes vezes opostos e contraditórios uns perante os outros, e conceder prémios eternos aos homens que se juntam a estas seitas...”²⁷

Mas este “erro deplorável” condenado pelos Papas — ou seja, que se pode encontrar a salvação em qualquer religião — recebe uma certa respeitabilidade através da prática do ecumenismo e do diálogo inter-religioso.

O Papa Gregório XVI condenou também este erro na sua Encíclica *Mirari vos arbitramur*:

“Chegamos agora a outra causa muito fértil dos males que, lamentamos vê-lo, afligem a Igreja contemporânea. É ela o *indiferentismo*, ou seja, aquela opinião perversa que tem crescido por todos os lados através dos enganos de homens maus. Segundo esta opinião, a salvação eterna da alma pode atingir-se por qualquer género de profissão de fé, desde que a moral de um homem esteja em linha com o padrão de justiça e honestidade. Deveis fazer com que as pessoas confiadas ao vosso cuidado deixem este erro tão deplorável sobre um assunto tão obviamente importante e tão completamente claro. Porque, desde que o Apóstolo avisou que há um só Deus, uma fé, um baptismo, quem pretender que o caminho para a beatitude [eterna] começa em qualquer religião deve temer, e deve pensar seriamente no facto de que, segundo o testemunho do próprio Salvador, estão contra Cristo porque não são por Cristo; e estão a dispersar miseravelmente porque não estão a unir-se com Ele; e, conseqüentemente, certamente perecerão para sempre, a não ser que abracem a Fé Católica e a conservem inteira e inviolada.”²⁸

O Papa Gregório XVI não faz aqui mais que citar a verdade essencial contida no Credo Atanasiano do Século IV, demonstrando assim a continuidade da verdade católica através dos séculos. O Credo começa assim:

“Quem quiser salvar-se deve, em primeiro lugar, manter a Fé Católica, porque um homem que não a conserve inteira e inviolada certamente perecerá para sempre.”

E conclui assim:

“Esta é a Fé Católica, e a menos que um homem creia fiel e firmemente nela, não poderá salvar-se.”

A orientação ecuménica e inter-religiosa de hoje contraria estas verdades divinas. Convida Jacques Dupuis para um Congresso interconfessional para denegrir o dogma definido. Dá as boas vindas a Hindus para fazerem orações pagãs num altar católico do Santuário de Fátima, e depois ataca os Católicos fiéis que protestam contra o ultrage. Falsifica o dogma católico, mata o espírito missionário católico, e deixa os não-Católicos na escuridão das suas falsas religiões. Nega efectivamente as palavras de Nosso Senhor: “Estreito é o caminho da salvação, e poucos são os que o encontram”, e prega o novo evangelho maçónico em como *os caminhos* da salvação são largos. Perde tempo num diálogo sem fim do tipo “Eu estou bem, tu estás bem”, mas nunca diz a não-Católico que deve abandonar os seus erros e converter-se à única Igreja verdadeira, a Igreja Católica, instituída por Cristo para a salvação. Nunca!

Eis porque os Católicos devem continuar — e irão continuar — a opor-se firmemente à orientação inter-religiosa que está a ser imposta em Fátima.

Cinco respostas rápidas ao Reitor Guerra

O *Catholic Family News* perguntou a cinco dos seus colaboradores que comentassem o comunicado do Reitor Guerra, em que tenta justificar o serviço religioso hindu em Fátima. Os seus comentários são os seguintes:

“Monsenhor Guerra, Reitor do Santuário de Fátima, caracterizou as pessoas que criticaram a sua autorização a um grupo de Hindus para fazerem uma cerimónia em Fátima como sendo ignorantes e de más intenções. Para provar a primeira acusação, contradiz o que o sacerdote hindu disse sobre a compreensão que o seu grupo tinha de Maria como manifestação divina, e insiste, sem se basear em quaisquer provas, que a compreensão que os Hindus têm de Maria está de acordo com a Fé Católica, que é inteiramente estranha ao seu panteísmo. Para fundamentar a segunda acusação, apresenta os seus críticos como inimigos da unidade. Mas a que espécie de unidade se refere o Reitor? Ele diz-nos. É ‘a união que é possível entre todos os Cristãos, todos os crentes e todos os homens.’ É óbvio que uma tal união tem forçosamente de se basear em alguma coisa diferente da Fé Católica, porque ‘todos os Cristãos’ pode incluir hereges e cismáticos; ‘todos os crentes’ pode incluir apóstatas; e ‘todos os homens’ pode incluir ateus. Talvez o Reitor devesse examinar com grande cuidado a natureza desta união, que ele tanto deseja, antes de rezar a Nossa Senhora de Fátima pela sua realização.”

— *Edwin Faust*

“Pelos vistos, Monsenhor Guerra considera que o comentário do Hindu de que Maria é a ‘Santa Mãe’ é prova de que as devoções do Hindu em Fátima são aceitáveis a Deus, em vez de sacrílegas. Ora como é bem sabido que os Hindus consideram que a ‘Santa Mãe’ é 1) uma deusa, 2) manifestada de várias ‘formas,’ incluindo 3) o pesadelo sanguinário Kali e a prostituta cósmica Ramani, parece-

me que Monsenhor Guerra tem de se explicar melhor. Com certeza Monsenhor Guerra não aceitaria que a sua mãe terrena fosse comparada a uma assassina psicopática e uma prostituta; então, porque é que aceita com tal descontração uma analogia paralela referente à sua Mãe celeste, Maria, Mãe de Nosso Senhor?”

— *Craig Heimbichner*

“O Reitor Guerra admite que um ‘sacerdote’ hindu teve acesso ao altar da Capelinha, com autorização do mesmo Guerra, para cantar — naquele altar e não noutra sítio, no local de Fátima — ‘uma oração que durou alguns minutos’. Orações que duram alguns minutos e são cantadas junto de um altar não são senão actos de culto. Esta actividade, admite também Guerra, tinha o fim de demonstrar ‘a união que é possível entre todos os Cristãos, todos os crentes e todos os homens...’ E que ‘união’ é esta? É uma ‘união’ que permite que todas as religiões, verdadeiras e falas, tenham acesso ao Santuário de Fátima para rezarem no altar da Capelinha. Guerra comprometeu-se a si próprio. É culpado, tal como foi acusado.”

— *Christopher Ferrara*

“Desde o golpe de Estado liberal e modernista de 1958, com a eleição do Papa João XXIII, os leigos católicos têm visto as suas tradições, crenças e costumes mais sagrados a ser violados e negados pelos novos Fariseus, sentados nos seus tronos. Como vemos, mais uma vez, neste comunicado, todos os ultrajes à religião dos nossos antepassados estão a ser ‘engolidos’ por meio de garantias em como nada de fundamental está a ser mudado. A Mensagem de Fátima é claramente o próximo alvo para aniquilação. Aquilo que toda a gente, desde o início do Século XX, compreendia que era a solução católica para os problemas do mundo, está a ser desviado pelos que acreditam numa nova religião universal e numa nova humanidade. Só posso rezar para que a ingenuidade católica dê lugar à resistência católica.”

— *Peter Chojnowski, Ph.D.*

“Monsenhor Guerra termina o seu Comunicado com uma oração a Nossa Senhora de Fátima para ‘fortalecer a nossa vontade de unidade.’ Mas uma unidade obtida à custa da Fé católica é mesmo uma unidade miserável, e só pode agradar a quem não tem — ou já não tem — a Fé católica. Nossa Senhora de Fátima pediu a conversão à Fé católica, e não a apostasia ecuménica que Monsenhor Guerra parece que quer. Quando ele pede a Nossa Senhora que ‘nos livre de todo o espírito de dissensão e de controvérsia,’ só posso imaginar que esta oração foi atendida quando Monsenhor Guerra for demitido do seu cargo de Reitor do Santuário de Fátima. Isto faria muito para nos livrar da dissensão de Monsenhor Guerra da Fé católica e da controvérsia que a sua dissensão causou.”

— *Mark Fellows*

Para um artigo relacionado, ver [Imagens de uma profanação: Reportagem fotográfica do ritual hindu em Fátima.](#)

Notas (do artigo de John Vennari):

1. No mês passado, citámos as palavras do Reitor Guerra a aprovar o serviço religioso hindu em Fátima. Todavia, um teólogo indicou-nos que tínhamos traduzido mal uma expressão. Dissemos que Guerra falou de um “*common background*” (substrato comum) em todas as religiões. As palavras originais eram *fundo comum*. Foi-nos explicado que devíamos ter escrito, não “*common background*” (substrato comum) mas antes “*common basis*” (base comum). A declaração de Guerra é absurda, porque o monoteísmo do Judaísmo e o politeísmo do Hinduísmo não têm nenhum substrato comum, e o mesmo acontece com os adoradores das cobras em África e o Cristianismo. Assim, diz o Padre Paul Kramer: “A asserção de Monsenhor Guerra de que todas as religiões têm um ‘*fundo comum*’ só pode entender-se como tendo uma ‘base comum’. Trata-se aqui de uma proposição teológica clara e de acordo com os princípios do modernismo, do ecumenismo e, por extensão, da maçonaria;” todos estes sistemas propõem, basicamente, que todas as religiões têm a sua origem no homem. Por outras palavras, se Guerra quer dizer que todas as religiões têm um *substrato* comum, está a dizer um disparate. Mas se está a dizer que todas as religiões derivam de uma *base* comum. Está a dizer uma heresia, o que é uma tristeza. Para que não haja dúvidas, a citação completa é a seguinte: “*É evidente, são civilizações e religiões bastante diferentes. Mas eu penso que em todas as religiões há um fundo comum. Há um fundo comum que nasce, digamos, também da comunidade de humanidade que todos temos. E é muito importante que a gente reconheça esse fundo comum, que às vezes, por causa dos embates das diferenças, a gente esquece a igualdade. Por isso, estes encontros dão-nos essa ocasião.*”
2. Cf. *Catholic Family News*, Dezembro de 2003.
3. É um facto que estes pormenores básicos do Congresso já foram descritos em números anteriores, mas incluo-os aqui para que o artigo disponha de todos os dados necessários.
4. Ver “The Meaning of the Name ‘Church’,” de Monsenhor Joseph Clifford Fenton, *American Ecclesiastical Review*, Outubro de 1954. Reproduzido no *Catholic Family News*, Novembro de 2000. (Separata nº 519 disponível do CFN por US\$1.75 incluindo portes.) Ali, Monsenhor Fenton explica que a palavra “Igreja” não é um conceito elástico que se pode aplicar a qualquer organismo religioso. Não, tem um significado único. Significa o Reino de Deus na terra, o povo da Aliança Divina, a única unidade social fora da qual não se pode encontrar a salvação. O Reino de Deus, explica Fenton, é a Igreja Católica, a única Igreja verdadeira, estabelecida por Jesus Cristo.
5. “Todos os deuses dos gentios são demónios.” (Salmo 95:5)
6. *Saint Francis Xavier*, James Brodrick, S.J. (Nova York: Wicklow Press, 1952), p. 135.
7. *Notícias de Fátima*, um jornal local com boas relações com o Santuário de Fátima, publicou uma defesa da nova orientação ecuménica no seu número de 7 de Maio de 2004. Citou o Reitor Guerra, assim como o frade capuchinho Fernando Valente, que comparou os Católicos tradicionais com os “Taliban”. Ver “[Ritual hindu realizado no Santuário de Fátima](#),” J. Vennari, *Catholic Family News*, Junho de 2004.
8. “[Imagens de uma profanação: Reportagem fotográfica do ritual hindu em Fátima](#)”, J. Vennari, *Catholic Family News*, Julho de 2004. (Separata nº 958 disponível em inglês do CFN por US\$1.75 incluindo portes.)
9. Carta pastoral do Cardeal Mercier, 1918, *The Lesson of Events*. Citado de *The Kingship of Christ and Organized Naturalism*, do Padre Denis Fahey, (Dublin: Regina Publications, 1943), p. 36. (o sublinhado é nosso)
10. Citado de “Unity: Special Problems, Dogmatic and Moral,” do Padre David Greenstock, *The Thomist*, 1963.
11. Da página da Internet do Dalai Lama: The Foundation for Universal Responsibility. (www.furhhd.org/hhdl)

12. Nem vale a pena acrescentar que qualquer padre que saiba o que está a fazer não diria Missa no altar da Capelinha até este ser reconsagrado. É preciso fazer isto, porque a Capelinha de Fátima foi palco de um sacrilégio: o altar católico foi usado por um pagão para um acto de oração pública.
13. Transcrição da SIC. Citado de "[Imagens de uma profanação](#)," *Catholic Family News*, Julho de 2004.
14. *An Introduction to Hinduism*, Gavin Flood (Cambridge University Press, 1996), pp. 177-178.
15. Correspondência por email com Craig Heimbichner. Publicado com a sua autorização.
16. Citações directas do *Directório das aplicações dos princípios e normas do Ecumenismo* de 1993; parágrafos 68, 102-103. Para mais pormenores deste directório ecuménico, que aprova actividades que foram sempre consideradas como pecados contra a Fé, ver "The Ecumenical Church of the Third Millennium," *Catholic Family News*, Janeiro de 1998. (Separata nº 256 disponível do CFN por US\$1.75 incluindo portes.)
17. *Cantate Domino*, Papa Eugénio IV, Concílio de Florença, 4 de Fevereiro de 1442.
18. *De Fide ad Petrum*, 38, 79, MPL, LXV, 704. Citado de "Two Statements About the Necessity of the Catholic Church for the Attainment of Eternal Salvation," de Monsenhor Joseph Clifford Fenton, *American Ecclesiastical Review*, Junho de 1962.
19. *Catechism of the Council of Trent*, tradução de McHugh & Callan (Rockford: Tan, nova edição de 1982), p. 101.
20. *The Catechism of Pope Saint Pius X*, (Primeira edição em 1910, republicado pela Instauratio Press, Austrália), pp. 31, 41. 21. Citado de *The Catholic Dogma* do Padre Michael Muller (Benzinger Brothers, 1888), p. xi.
21. Citado de *The Catholic Dogma* do Padre Michael Muller (Benzinger Brothers, 1888), p. xi.
22. Para mais pormenores sobre este tema mal compreendido, ver "[Invincible or Inculpable Ignorance Neither Saves nor Damns a Person](#)", do Padre Michael Muller, republicado no *Catholic Family News*, Abril de 1998.
23. II Concílio de Mileve, can. 3. (Denz. #103), Celestino I, "Indiculus," Denz. #132. Citado de *My Life with Thomas Aquinas*, Carol Robinson (Kansas City: Angelus Press, 1992), p. 73.
24. Vaticano I, *De Filius*.
25. O Vaticano I ensinou infalivelmente: "O Espírito Santo não foi prometido aos sucessores de S. Pedro para que, por revelação do Espírito Santo, apresentassem doutrinas novas, mas para que, por Sua ajuda, guardassem cuidadosamente a revelação transmitida pelos Apóstolos e pelo Depósito da Fé, e a transmitissem fielmente." Vaticano I, Sessão IV, Cap. IV, *Pastor Aeternus*.
26. *Oath Against Modernism*, 1910, Papa S. Pio X. Citado de Fenton, "Two Statements About the Necessity of the Catholic Church for the Attainment of Eternal Salvation".
27. Papa Leão XII, *Ubi primum*, 3 de Maio de 1824. Citado de "The Components of Liberal Catholicism", de Monsenhor Joseph Clifford Fenton, *The American Ecclesiastical Review*, Julho de 1958.
28. Papa Gregório XVI, *Mirari vos arbitramur*, 15 de Agosto de 1832. Citado em *Ibid*.